

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO DIABO NO OCIDENTE MEDIEVAL: SÉCULOS XIV E XV¹

Gersonilson Honorato da Silva Júnior²

Martha Lúcia Ribeiro Araújo (orientadora)³

O Diabo é uma personagem presente e indissociável da história do cristianismo. O eterno inimigo dos valores cristãos. Mas a sua presença no mundo real, ou seja, a crença na sua atuação e participação direta na vida dos homens e a crença na existência de um culto organizado e em expansão que age contra a fé cristã, são fenômenos bem posteriores à criação do cristianismo. É com a inquisição e a posterior demonização da magia e práticas pagãs, que o Diabo começa a surgir com maior intensidade no imaginário ocidental. Segundo Carlos Roberto Nogueira:

O Diabo é intrínseco ao cristianismo; sua existência, evidente e incontestável para a época estudada. Condições *sine qua non* de todo o imaginário medieval, superpõe-se e preside a todo o imaginário existente, assumindo a sua própria realidade em um mundo alheio as barreiras mentais.⁴

Mais precisamente a partir do século XV, a magia, assim como outros costumes “pagãos” sobreviventes dentro do cristianismo, começaram a ser combatidos. Durante a conversão dos reis bárbaros não houve uma preocupação com as pregações evangélicas. O que propiciou a permanência de costumes antigos, principalmente em nível um privado, dentro de uma nova civilização cristianizada.

Não pretendo aqui aludir ou trabalhar a questionada interpretação da Dra. Margaret Murray, de que haveria uma cultura sobrevivente, intocada e organizada, desde a pré-história aos dias de hoje. Trabalho a noção de superposição⁵ de uma cultura cristã sobre as crenças e ritos pagãos, encontrados principalmente nas pequenas comunidades camponesas. O processo de cristianização não extinguiu as crenças populares, mas desenraizou suas tradições, crenças e ritos das práticas dos antigos povos bárbaros.

Durante a idade média, muitos camponeses até iam à igreja aos domingos, mas não deixavam de prestar oferendas às antigas divindades pagãs. Muitas destas práticas foram tidas como superstições pela igreja católica. Muitos festejos populares também são representações desta superposição, que de certa forma mantém vivo um “paganismo”

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduando em História pela UEPB, Campina Grande.

³ Mestra em sociologia, professora aposentada pela UFPB, atual professora do Dep. De História e Geografia da UEPB

⁴ NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão**. 2004.p.109

⁵ Ibidem

dentro da idade média ocidental. Os campos e florestas mantinham vivos no imaginário popular as antigas crenças pagãs. A conversão, principalmente dos povos germanos, acabou por agregar algumas tradições e representações pré-existentes. Desta forma:

Uma vez perdido o 'código interpretativo', as comunidades tradicionais conservavam vários ritos e práticas, mas cujo significado nos desvela uma leitura 'popular' do cristianismo, como os sacrifícios a um santo. Entendamos sacrifícios à maneira pagã, mas dirigidos a um santo cristão.⁶

E é justamente em cima destes resquícios pagãos que a figura do Diabo vai sendo construída. Na época anterior ao cristianismo, o deus Pã era tido como a divindade que presidia o mundo natural⁷. Sua aparência, um misto de homem e de bode, assim como suas relações em questões como a sexualidade, constitui, ainda hoje, a imagem mais popular do Diabo. Esta convivência pacífica entre os resíduos pagãos e a igreja católica se dá até o crescimento dos movimentos heréticos, por volta do século XII. Quando estes começam a perturbar a alta cúpula da igreja.

A crença na magia pode ser encontrada desde a chamada era pré-histórica, até os dias de hoje. Levando em consideração cada época e suas respectivas historicidades. Nestes termos, trabalho magia como uma forma do homem se relacionar com o sobrenatural. De unir o real e o irreal, o visível do invisível.

Como foi dito muitas práticas camponesas não condiziam com os dogmas cristãos. E, a partir do século XII, com o contato ocidental com outras culturas, como a árabe e alguns textos helenísticos, a magia passou a ser considerada "uma ciência de difícil acesso e rígidos princípios éticos".⁸ Ela começa a ganhar ainda mais espaço na Europa. Analisando a conjuntura do final da idade média, encontramos uma grave crise econômica e demográfica, muita miséria e a proliferação de discursos escatológicos. Fatores que propiciaram a construção de um imaginário fértil e cheio de representações sobrenaturais.

Este imaginário pode ser claramente observado na França do século XIV, onde encontramos diversos processos sobre a utilização de magia para causar o mal a outras pessoas. Estes processos, em sua maioria, eram proferidos contra a elite dirigente francesa. A utilização de venenos, pertences exóticos, rezas ou outros atos mágicos era algo corriqueiro e fazia parte até da alta cúpula da igreja católica. O que atestava a "veracidade" do poder da magia no imaginário da época. O próprio papa João XXII possuía amuletos mágicos, inclusive uma pele de serpente encantada que detectava comidas ou bebidas envenenadas.

⁶ Ibidem p 108

⁷ BAIGENT, Michel; Richard, Leigh. **A Inquisição**, 2001

⁸ NOGUEIRA, op. Cit. p

A DEMONIZAÇÃO DA MAGIA

É nesta conjuntura de crença irrestrita no poder da magia que em 1326 o papa promulga uma bula contra a utilização da magia. Iniciando a complicada relação entre magia e heresia. Sendo este um grande precedente do que vira a ser a caça as bruxas.

Tendo sido feita à relação entre magia e heresia, esta passa a ser tida como inimiga da cristandade. Logo os magos e feiticeiras passam a ter ligação com o diabo. Começa a se formar toda uma concepção de um culto diabólico organizado com o objetivo de destruir a fé crista, a bruxaria.

Gerações de teólogos medievais desenvolveram uma demonologia elaborada e requintada, que filtrada para os homens comuns em uma forma mais crua e imediata (...) os pregadores medievais temperavam seus sermões com histórias aterrorizantes das repetidas aparições do Diabo para tentar os fracos e tentar os pecadores renitentes.⁹

A imprensa difundiu o medo de satã e de seus sequazes ao mesmo tempo por meio de pesados volumes e de publicações populares.¹⁰

O medo do Diabo se espalha pela Europa, assim, em 1484 o papa declara ser real a existência da bruxaria. A partir daí a bruxaria vira o foco das perseguições do tribunal do santo ofício, e o Diabo assume de vez o poder sobre o mundo natural. Por muito tempo satã foi retratado como símbolo da supremacia de Deus. Ele era o anjo que se revoltou contra o “soberano”, e foi vencido. O Diabo começa a surgir agora dotado de super-poderes, como uma forma de retirar do Deus cristão a culpa dos males do mundo. Vale salientar que o estudo a cerca da bruxaria nos remete ao universo mental daqueles que perseguem e determinam o que seja bruxaria, e não o que os perseguidos pensavam.

Desta forma, tentar entender o que pensavam os acusados de bruxaria se torna bastante difícil pela “presença de dois elementos perturbadores - a tortura e a técnica de interrogatório”¹¹. Tudo era permitido a os inquisidores para a obtenção da “confissão”. O acusado, diante de tais circunstâncias, acabava por confirmar tudo que os inquisidores o induziam a falar. As sucessivas execuções de “comprovados” adoradores do Diabo levava cada vez mais a crença na “real” existência da bruxaria.

A procura e o fatal encontro de culpados criam nas consciências a certeza da existência de dois mundos coexistentes, a cristandade - a cidade dos homens e a seu inverso: a demonolatria - a cidade de satã.¹²

⁹ KEITH, Thomas. Religião e o declínio da magia.1991.p.382

¹⁰DELEMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**: 1300-1800 uma cidade citiada.1989. P.246

¹¹GINZBURG,Carlo Mitos, emblemas, sinaisMitos, emblemas, sinais: morfologia e história p22

¹² DELEMEAU, Op. Cit.p 354

A prática da magia não se restringia apenas à população rural, nas cidades era comum encontrar intelectuais ou padres aficionados por astrologia, alquimia e necromância. O estudo dos astros é parte das discussões propostas sobre a influência que o Diabo tinha sobre os homens, como pode ser visto no livro *Malleus Maleficarum*¹³. Um paradigma tão antigo como a astrologia, permeado por misticismo e magia, era utilizado pelos teólogos para perseguir aqueles que utilizavam a “magia pagã”. Tudo que era desconhecido ou inexplicável pela igreja tinha grande chance de ser demonizado. A imagem do Diabo foi sendo construída a partir das características a que o cristianismo queria combater. Sendo criada toda uma ideia de anti-igreja. Para os teólogos só existiam duas religiões, a verdadeira – cristã, e a do Diabo.

E é este aspecto de uma visão unilateral da bruxaria, ou seja, o domínio dos relatos do perseguido e não o do perseguidor, que levou, segundo Delumeau, a formulação de alguns pesquisadores da existência de um culto pagão coerente, organizado e consciente de si.

Em suma, toda uma escola histórica recusou-se, nessa matéria, à crítica rigorosa da documentação. Esta – livros de demonologias e relatos de processos contendo as confissões dos incriminados – provem toda da cultura dirigente. Deve-se acreditar piamente no imaginário saído de seu medo? (...) os documentos que nos restam põem em causa indivíduos muito mais do que grupos.¹⁴

Encontramos assim um embate entre a visão de uma cultura dominante, cristã, e uma cultura popular (camponesa). Sendo construída toda uma relação de maniqueísmo cultural, onde a cultura dominante representada pelo Deus cristão era o símbolo do bem, e a cultura popular, recheada de paganismo e discrepâncias da cristã, representava o Mal. A imagem do inimigo de Cristo tinha que ser apavorante. Como uma forma de afastar a população através do medo, das antigas práticas pagãs.

A DEMONIZAÇÃO DO FEMININO

Num trabalho sobre demonolatria no Final da Idade Média e início da modernidade não pode faltar um estudo sobre o feminino. Em um período dominado pela cultura cristã claramente patriarcal e misógina, a mulher não só foi marginalizada como responsabilizada como a principal cúmplice do diabo contra a fé cristã. No gênesis, livro bíblico, diz que Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, depois de ver que nenhum outro animal lhe servia como “uma ajuda que lhe fosse adequada”¹⁵ ele faz, a partir do homem, a mulher. Mulher em hebraico é *ichá*, que deriva da palavra *ich*, que significa homem, ou seja, a mulher é derivada do homem.

¹³ KRAMER, H. e SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum*. Rosa dos Tempos. 2004

¹⁴ DELEMEAU, Op. Cit. p 374

¹⁵ Gênesis: 2:18:23.

Para os teólogos cristãos a mulher é um homem imperfeito, e por isso mais vulnerável aos poderes do Diabo. Tomás de Aquino disse que:

A mulher tem necessidade do macho não só para gerar como entre os animais, mas até mesmo para governar-se: pois o macho é mais perfeito por sua razão e mais forte por sua virtude.¹⁶

E um abade do século X colocou que:

A beleza física não vai além da pele. Se os homens vissem o que está sob a pele, a visão das mulheres lhes viraria o estômago. Quando nem se quer podemos tocar com a ponta do dedo um cuspe ou esterco, como podemos desejar abraçar este saco de excremento.¹⁷

Toda essa aversão ao feminino levou a publicação da mais importante e divulgada obra demonológica, o *Malleus Maleficarum*.

Em 1486 Heinrich Kramer e James Sprenger ambos os inquisidores e monges dominicanos escreveram o livro. A principal forma de condenar uma mulher por bruxaria era fazê-la confessar ter participado de encontros com diabo e ter copulado com ele. Michael Baigent e Richard Leigh descreveram o *Malleus* como:

Um compendio de psicopatologia sexual, e é uma esclarecedora ilustração de fantasia patológica em exuberantes desvario. Como uma obsessão que se trairia de imediato para qualquer psicólogo moderno, o texto concentra-se – na verdade baba-se – em cópula diabólica, em intercursos com íncubos e súcubos, e varias outras formas de experiência erótica e atividade (ou inatividade) sexual atribuíveis pela imaginação contaminada a forças demoníacas.¹⁸

Unindo a misoginia cristã e a perseguição aos costumes populares à inquisição promoveu o assassinato de centenas de mulheres. Não posso afirmar a existência ou a não existência de cultos coletivos às divindades pagãs como ocorria na antiguidade. Mas é inegável que algumas celebrações continuaram a ser praticadas e até cristianizadas como os festejos de natal, são João,...

Para os inquisidores e sua idéia de uma anti-igreja, era necessária uma materialização dos seus surtos psicóticos, surgindo assim o conceito de sabá. O sabá consistia em uma missa negra com o único objetivo de profanar a fé e a moral cristã. A princípio atribuído aos valdenses, estas reuniões se chamavam “*valderies*”, tempos depois, como forma de demonizar também os muçulmanos, ressurgiu durante as cruzadas com o termo sabá, que deriva de sinagoga.

¹⁶ Apud DELUMEAU, op.cit.p.317

¹⁷ Ibidem. P. 318

¹⁸ BAIGENT 2001:125

Segundo as fantásticas narrativas dos inquisidores e confissões retiradas sob tortura, durante o sabá as bruxas copulavam com o demônio, oferecia vidas humanas em holocausto, cuspiam em símbolos “sagrados” e tudo terminava em uma grande orgia. Talvez a abstinência sexual dos monges que levavam a uma repressão dos seus desejos sexuais (o desejo é inegável, o discurso pode ser omitido, mas a vontade física é inevitável) os levaram a produzir tais absurdos inimagináveis acerca das mulheres e das relações sexuais. O Diabo passa a ser responsabilizado pela desgraças naturais e pelos malefícios, já que a bruxa em si não tem poder, mas coopera com ele:

... todo o efeito das bruxarias[...] não podem ser realizados sem que se recorresse aos poderes do diabo; é necessário , para tal , que se faça um pacto com ele, pelo qual a bruxa de fato e verdadeiramente se torna sua serva [...]a bruxa passa a cooperar com o diabo e ele se une . Pois que aí reside toda a finalidade da bruxaria [...] tudo se faz através do diabo....¹⁹

É nos séculos XVI e XVII que a caça as bruxas atinge seu auge. O *Malleus Maleficarum* se tornou praticamente uma bíblia substituta em que se baseavam os inquisidores para acusar e condenar e executa-las. É neste período que encontramos histeria generalizada, as antigas velhas curandeiras das pequenas vilas começaram a ser perseguidas e até assassinadas pela comunidade local, que agora viam nelas a marca do demônio. Viúvas, velhas e solteiras eram características que podiam levar uma mulher a ser taxada de bruxa. De certa forma as bruxas serviam de bode expiatório para explicar as catástrofes, as epidemias, secas e tudo que os “doutores” da ciência e da igreja não conseguiam explicar. O feminino se torna símbolo do diabo, assim como todos os inimigos da cristandade. Como foi visto inúmeras características pagãs se mantiveram vivas no seio do cristianismo. Algumas foram assimiladas outras demonizadas, construindo uma imagem de diabo que sobrevive até os dias de hoje. Imagem esta sempre ligada ao grotesco, à loucura, as sacrifício de vidas humanas, a tudo que esteja à margem da “ordem e da moral” cristã. Analisado pela perspectiva proposta por este trabalho, Lúcifer representa a liberdade, o prazer, a natureza. O cristianismo na é a verdade, tão pouco seria um exemplo de moral espero que este trabalho possibilite um novo olhar sobre as verdades cristãs. Elas foram construídas, e muitos morreram para que poucos se mantivessem no poder.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BAIGENT, Michel; Richard, Leigh. **A inquisição**. Tradução: Marcos Santarrita;Rio de Janeiro:Imago,2001
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800 uma cidade citiada**. Tradução: Maria Lúcia Machado, - São Paulo: Cia das letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução: Maria Betania Amoroso. São Paulo: Cia das letras, 1987.

¹⁹ KRAMER, SPRENGER Op.cit: p. 57

_____. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. Tradução: Federico Carotti; São Paulo: Cia das letras, 1989.

KEITH, Thomas. **Religião e o declínio da magia.** São Paulo: Cia das letras, 1991

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feitiçeras.** Tradução: Paulo Fróes Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2004.

MURRAY, Margaret. **O culto das bruxas na Europa ocidental.** tradução: Getúlio Elias Schanoski Júnior. São Paulo: Madras, 2003

SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas:** noivas de satã. Rio de Janeiro: objetiva, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa moderna.** São Paulo: Ática, 1987

TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental:** para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Tradução: Beatriz Sidou Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

Bíblia católica